Arquitecturas de Espinho e Matosinhos: o Mar como motor de Progresso e gerador de Identidades

Hugo Daniel da Silva Barreira

Patrícia Amorim Cravo da Silva

Espinho e Matosinhos constituem dois exemplos possíveis de povoações que devem ao Mar grande parte da sua identidade e do seu património. Um simples passeio pelas duas cidades desperta sensações diversificadas, manifestações de dois *genii locorum* distintos veiculados a um substrato comum: o Mar.

Os avanços dos processos de salmoura permitiram a fixação dos pescadores, outrora sazonais, na costa de Espinho. No século XIX, as idas a banhos generalizaram-se e a povoação conheceu um novo desenvolvimento. Data de 1843 a primeira casa de pedra e cal. Este facto torna Espinho um ponto de partida para entendermos a construção, virtualmente do zero, de um núcleo oitocentista. Assim, as arquitecturas desenvolvem-se livres de referências locais anteriores, pelo que importa perceber quais os modelos adoptados e de que maneira este núcleo iniciou a construção da sua identidade.

Onze anos depois da abertura da linha entre Ovar e Gaia, Espinho possuía finalmente uma estação. Em 1870, a expansão da povoação incitara já à elaboração de uma primeira planta que providenciava um crescimento regular segundo um esquema ortogonal. Este desenvolvimento pujante reflecte-se na arquitectura, em manifestações que vão das habitações à Fábrica Brandão Gomes. Em 1900, após a destruição de parte do núcleo original pelo avanço do Mar, uma nova planta transforma a cidade numa malha ortogonal praticamente completa. À construção de uma nova igreja paroquial concorrem nomes como Adães Bermudes e Marques da Silva. Progressiva e timidamente, novas formas, das *Beaux-Arts* às *Arts Déco,* preparam a chegada de um emergente Movimento Moderno que dará frutos.

Matosinhos conhecia já um desenvolvimento considerável no século XVI quando recebe de D. Manuel I o seu foral. Nos séculos seguintes, o núcleo formado por Matosinhos-Leça expande-se, esta mais orientada ao ócio e à novidade do veraneio fluvial, aquela albergando serviços e a comunidade piscatória. Assim, a expansão das comunidades nos séculos XIX e XX, sempre com esta orientação dual até à segunda fase das obras de Leixões, faz-se em função de um substrato anterior. O último quartel de oitocentos traz as novas vias disciplinadas, destinadas a uma circulação eficiente dos produtos industriais. A arquitectura reflecte, uma vez mais, esta expansão, através do uso de novos materiais e soluções. O Movimento Moderno dota a cidade de novas estruturas e moderniza as pré-existentes. O rio Leça cede lugar ao Porto de Leixões, que juntamente com a indústria conserveira e com as afamadas praias, corporiza a orientação definitiva da comunidade em direcção ao Mar.

Assim, pretendemos entender de que modo o progresso dos séculos XIX e XX se reflectiu no edificado e na malha urbana, permitindo que a estrutura e a plástica arquitectónica nos

revelem os seus significados. Espinho será a base do estudo, a cidade nova, e Matosinhos será o seu contraponto de maior fôlego, fruto da expansão de uma comunidade pré-existente.

Para combater a rápida destruição e descaracterização deste património, procuraremos sugerir estratégias, apoiados na documentação fotográfica e cinematográfica, para a valorização e fruição destas memórias e identidades por parte dos novos públicos destas comunidades que vivem o Mar.